OS DITOS DOS PADRES DO DESERTO

PARTE XV

ABBA JOSÉ DE PANEFO



O fogo da oração e o discernimento do coração

Igreja Apostólica Ortodoxa da América

www.iaoa.com.br

Nota editorial

Este caderno apresenta onze episódios atribuídos a Abba José de Panefo na coleção alfabética dos Apophthegmata Patrum. As narrativas foram recontadas em português contemporâneo para fins de leitura pastoral; não constituem tradução literal do grego nem reprodução de uma tradução moderna. Cada episódio é seguido por uma reflexão editorial independente.

Os relatos antigos possuem linguagem e pressupostos próprios do monaquismo egípcio. Sua leitura deve respeitar o contexto histórico, sem transformar experiências monásticas particulares em exigências universais para os fiéis.

Sobre a imagem

Ilustração iconográfica contemporânea criada para esta edição, inspirada no sétimo dito de Abba José. Não se trata de um ícone histórico preservado do santo.

Apresentação

Na escola espiritual do deserto, o silêncio não significa indiferença e a oração não é simples repetição de palavras. Abba José de Panefo aparece nos antigos relatos como um mestre de discernimento: ora acolhe com delicadeza, ora oferece uma palavra exigente; em tudo procura que o discípulo não se prenda à aparência da vida religiosa, mas deixe o coração transformar-se.

O episódio mais conhecido dessa pequena coleção apresenta Abba Lot, que já orava, jejuava e buscava a quietude. Seu mestre responde com uma imagem poderosa: a pessoa é chamada a tornar-se inteira como fogo. A tradição vê nessa expressão o ardor de uma vida iluminada pela graça, jamais a exaltação do orgulho espiritual.

Índice

1. As vestes e a acolhida fraterna

2. Quem sou eu para julgar?

3. O conselho adequado a cada pessoa

4. A consciência diante do próximo

5. O jejum e a obediência

6. A vida como fogo

7. Se quiseres, torna-te todo fogo

8. Entre a comunidade e a solidão

9. O nome do discípulo

10. Reinar sobre as paixões

11. A vigilância até o fim

Conclusão pastoral · Oração final · Referências bibliográficas

1. As vestes e a acolhida fraterna

Relato tradicional recontado — José de Panefo 1. Alguns monges foram perguntar a José como agir quando recebiam hóspedes. Antes de ouvir a pergunta, o ancião mostrou-se primeiro com roupas gastas e depois com suas vestes habituais. Perguntou se sua pessoa havia mudado com a roupa. Os visitantes reconheceram que não. Ele explicou que o acolhimento pode variar conforme as circunstâncias sem que o coração abandone sua fidelidade a Deus. Na convivência, cabe abrir-se ao irmão; a sós, cabe cultivar o recolhimento.

Reflexão pastoral. A vida interior não se mede pelas aparências. Discernir o momento de acolher e o momento de silenciar é mais cristão do que absolutizar uma forma exterior de comportamento.

2. Quem sou eu para julgar?

Relato tradicional recontado — José de Panefo 2. Abba Poemen perguntou como poderia crescer na vida monástica. José aconselhou que, em cada situação, ele se recordasse de sua própria condição e evitasse julgar os demais. Em lugar de se colocar acima de outro, deveria cultivar um olhar humilde diante de Deus.

Reflexão pastoral. Perguntar-se “quem sou eu?” não significa desprezar a dignidade pessoal, mas reconhecer que não conhecemos completamente as lutas do próximo. A humildade sustenta o perdão.

3. O conselho adequado a cada pessoa

Relato tradicional recontado — José de Panefo 3. Poemen perguntou como deveria reagir aos pensamentos e paixões que o perturbavam. José lhe ofereceu uma orientação exigente, mas a outro visitante aconselhou cortar esses movimentos desde o início. Quando Poemen observou a diferença, o ancião explicou que uma pessoa amadurecida pode enfrentar determinados combates, enquanto outra precisa afastar-se prontamente daquilo que a prejudica.

Reflexão pastoral. O acompanhamento espiritual deve considerar a maturidade e a vulnerabilidade de cada pessoa. Nem todo conselho apropriado para um monge experiente serve a quem está começando.

4. A consciência diante do próximo

Relato tradicional recontado — José de Panefo 4. Um irmão confessou que não conseguia suportar grandes penitências nem trabalhar suficientemente para oferecer esmolas. José lhe respondeu que, se não podia realizar tudo isso, ao menos cuidasse para não praticar o mal contra o próximo e conservasse limpa a consciência.

Reflexão pastoral. A vida cristã não é uma competição ascética. A caridade concreta, o respeito e a recusa de ferir o outro são fundamentos indispensáveis, mesmo quando nossas forças são limitadas.

5. O jejum e a obediência

Relato tradicional recontado — José de Panefo 5. Um visitante relatou ter ficado desconcertado quando José lhe ofereceu frutos numa sexta-feira de jejum. Não sabia se deveria aceitar o convite ou permanecer na observância do costume. Procurando esclarecimento, ouviu do ancião uma explicação sobre a formação da obediência no ambiente monástico.

Reflexão pastoral. Este relato pertence a um contexto ascético antigo. Não autoriza ordens arbitrárias nem a violação da consciência. Recorda que regras e práticas devem ser vividas com discernimento, sem transformar o jejum em vaidade.

6. A vida como fogo

Relato tradicional recontado — José de Panefo 6. José ensinou a Abba Lot que não bastava assumir exteriormente o nome de monge: era necessário deixar toda a existência ser tomada pelo ardor da busca de Deus. A imagem escolhida foi a de um fogo que envolve por inteiro.

Reflexão pastoral. O fogo simboliza purificação, zelo e amor. O cristão não deve confundir fervor com agressividade: quanto mais profunda a oração, mais humilde e misericordiosa precisa tornar-se a vida.

7. Se quiseres, torna-te todo fogo

Relato tradicional recontado — José de Panefo 7. Abba Lot descreveu a José sua rotina: algumas orações, jejum moderado, meditação, silêncio e atenção aos pensamentos. Perguntou o que ainda lhe faltava. O ancião levantou as mãos e, segundo o relato, seus dedos apareceram como pequenas chamas. O convite final foi a entregar-se inteiramente à transformação espiritual.

Reflexão pastoral. A força desta cena está menos no prodígio do que no chamado à totalidade: a oração não é uma tarefa isolada, mas deve iluminar as relações, o trabalho, o perdão e o serviço ao próximo.

8. Entre a comunidade e a solidão

Relato tradicional recontado — José de Panefo 8. Um monge desejava trocar a vida comunitária pela solidão. José aconselhou que permanecesse onde sua alma encontrasse verdadeira paz e não sofresse dano. Quando o irmão disse perceber benefícios em ambas as formas, o ancião pediu que ponderasse cuidadosamente qual favoreceria mais seu crescimento.

Reflexão pastoral. Nenhum caminho espiritual deve ser escolhido apenas por idealização. O discernimento exige considerar a realidade, a saúde, os deveres assumidos e o fruto concreto da vida cristã.

9. O nome do discípulo

Relato tradicional recontado — José de Panefo 9. Dois anciãos preparavam-se para visitar José. Um deles pediu que o outro chamasse seu discípulo para preparar o animal da viagem. Soube então que o mestre sequer conhecia o nome daquele que estava com ele havia dois anos. O episódio expõe, de maneira breve e desconcertante, uma relação de distanciamento no ambiente ascético.

Reflexão pastoral. Este dito requer leitura crítica: não é exemplo para justificar desatenção aos irmãos. Na pastoral contemporânea, conhecer as pessoas, chamá-las pelo nome e acolher sua história é parte essencial do cuidado cristão.

10. Reinar sobre as paixões

Relato tradicional recontado — José de Panefo 10. Certa vez, José estava reunido com irmãos que lhe apresentavam questões espirituais. Alegrando-se com a conversa, afirmou sentir-se como um rei, porque havia alcançado domínio sobre as paixões que antes o dominavam.

Reflexão pastoral. A verdadeira liberdade não é governar os outros, mas aprender a não ser escravizado pela ira, pela inveja ou pelo orgulho. A maturidade espiritual se manifesta em paz e serviço.

11. A vigilância até o fim

Relato tradicional recontado — José de Panefo 11. A tradição conta que, quando José se aproximava da morte, percebeu uma presença ameaçadora perto da janela. Pediu então seu cajado, demonstrando que não renunciaria à vigilância espiritual. A narrativa descreve a retirada do adversário diante da firmeza do ancião.

Reflexão pastoral. Trata-se de um relato hagiográfico, não de uma descrição clínica verificável. Seu sentido pastoral está na perseverança: até os últimos dias, a confiança em Deus acompanha a oração e a esperança.

Conclusão pastoral — Tornar-se todo fogo

O ensinamento de Abba José não despreza o jejum, a disciplina ou o silêncio, mas recusa que essas práticas se tornem uma fachada. A verdadeira ascese abre espaço à graça divina, que transforma a pessoa em profundidade. Por isso, a conhecida imagem do fogo não convida ao exibicionismo religioso: convoca à integridade interior.

Para os fiéis de hoje, esses relatos podem inspirar uma rotina simples: orar com atenção, não julgar precipitadamente, procurar reconciliação, acolher quem sofre e pedir orientação quando o coração estiver dividido. A vida espiritual cresce nas pequenas fidelidades.

Oração final

Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, ilumina nosso coração com a luz de teu Espírito Santo. Ensina-nos a rezar sem orgulho, a servir sem buscar elogios, a jejuar com caridade e a reconhecer tua presença em nossos irmãos. Purifica nossos pensamentos, cura nossas durezas e faze de nossa vida uma chama de misericórdia. Amém.

Referências bibliográficas e nota sobre os textos

Fonte histórica de referência: Apophthegmata Patrum, coleção alfabética, seção “Joseph of Panepho” (ditos 1–11), transmitida na tradição monástica grega.

Edição de consulta: Sayings of the Desert Fathers: Alphabetical Collection — Joseph of Panepho, Voices of the Fathers, https://voicesofthefathers.org/library/sayings-of-the-desert-fathers-alphabetical/joseph-of-panepho (consultado em outubro de 2026).

Referências secundárias: WARD, Benedicta (trad.). The Sayings of the Desert Fathers: The Alphabetical Collection. Kalamazoo: Cistercian Publications, 1984; WORTLEY, John (trad.). Give Me a Word: The Alphabetical Sayings of the Desert Fathers. Yonkers: St Vladimir’s Seminary Press, 2014. As versões modernas citadas são referências bibliográficas, não textos aqui reproduzidos.

Créditos editoriais: Recontos e reflexões pastorais em linguagem contemporânea, preparados para fins de estudo. A numeração refere-se aos ditos da tradição. O conteúdo não substitui a consulta às fontes críticas.

IGREJA APOSTÓLICA ORTODOXA DA AMÉRICA
Na fé dos Apóstolos, no amor de Cristo
www.iaoa.com.br